



EDIÇÃO Nº 15
JANEIRO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/12/2014

DA ANÁLISE DE “ASPECTOS” DA LEITURA AOS MECANISMOS MIDIÁTICOS DO CINEMA

Eliete Aparecida Borges¹

PG/PROFELETRAS/UNIOESTE/

RESUMO: Neste artigo apresentamos uma análise dos “aspectos” da leitura contidos no livro: “Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva” escrito por Michéle Petit (2009) aos mecanismos midiáticos propostos em dois filmes: Encontrando Forrester e Balzac e a Costureirinha Chinesa. Verificamos que ensinar o jovem a ler é sempre um desafio já que ao ler o jovem modifica suas representações mentais, seus valores, suas crenças nas comunidades às quais pertence, seus modos de aprendizagem. Todavia a escola, na maioria das vezes, associa a leitura e uma visão utilitarista em detrimentos do gosto literário. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre essas produções midiáticas quanto aos “aspectos” propostos nas três obras.

PALAVRAS – CHAVE: “Aspectos de leitura”; Ensino; Mecanismos midiáticos; Língua Portuguesa

ABSTRACT: This paper presents an analysis of the "aspects" of reading in the book: "Young people and reading: a new perspective" written by Michele Petit (2009) to media mechanisms proposed in two films: Finding Forrester and Balzac and the Little Seamstress Chinese. We found that teach the young to read is always a challenge since reading the young modify their mental representations, their values, their beliefs in the communities they belong to, their ways of learning. However the school, most of the time, associated with reading and a utilitarian view to the detriment of literary taste. This paper aims to reflect on these media productions as the "way" proposed in the three works.

KEY - WORDS: "Read aspects"; Teaching; Media Mechanisms; Portuguese

Introdução

A leitura é uma habilidade de fundamental importância para se reparar as desigualdades, de possibilitar o acesso à cidadania, de formação de conhecimentos, de superar medos, de facilitar o encontro de si mesmo, como veículo para se apropriar da língua de um determinado país, para se estabelecer relações de inclusão, para se ampliar os círculos de pertencimento, para se conquistar sua liberdade individual, para se construir sua opinião, para se ultrapassar umbrais, sejam eles impostos pelo

¹ Eliete Aparecida Borges. Mestranda - Mestrado Profissional em Letras na Universidade Estadual do Paraná - UNIOESTE - Cascavel-PR. Contato: eliete.borges@yahoo.com.br

próprio sistema no qual o jovem esteja inserido, sejam eles impostos pelo grupo familiar, religioso, educacional, enfim, leitura é libertação.

Michele Petit apresenta seu livro “Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva” distribuído em quatro capítulos, nomeados como quatro encontros, 192 páginas, publicadas pela Editora 34, em 2009. O primeiro encontro, As duas vertentes da leitura, por sua vez foi dividido em: “O leitor trabalhado por sua leitura” e “Do lado dos leitores”,

Em “As duas vertentes da leitura”, Petit apresenta o registro dos dados obtidos por meio de uma pesquisa sobre leitura realizada no meio rural na França da qual participaram pessoas de diferentes níveis sociais. A realização da leitura, inicialmente, era no seio familiar, de maneira oral e coletiva e, posteriormente, passou a ser individual e silenciosa.

O objetivo da leitura era o de se estabelecer uma identidade coletiva, o que condicionava todos os seus leitores a um controle. Lia-se o que era recomendado de forma a cercear a liberdade de escolha do leitor.

No entanto, uma outra vertente aponta para uma leitura que concede ao leitor uma possibilidade de se desviar do caminho predeterminado, na qual se pode distanciar/aproximar procurar um outro lugar em que se pode fugir desse controle. E, nesse espaço pode-se imaginar com liberdade.

Na seção: O leitor “trabalhado” por sua leitura, os efeitos da leitura em relação aos jovens verificados na pesquisa e divulgados na Conferência pela autora demonstram que: aprecia-se a leitura quando se pode fazer seu próprio caminho, quando há a interferência do bibliotecário no sentido de apresentação de alternativas, soluções para determinados problemas, quando se percebe a diversidade de pessoas e, além disso, quando se possibilita o encontro do leitor consigo mesmo.

Na Conferência, a autora citou a obra “Caminho da escola”, escrita por Patrick Chamoiseau, na qual fala de sua relação com a língua e com a escola durante sua infância. O livro é construído em dois tempos: primeiro tempo, “o desejo”; segundo tempo “a sobrevivência”. No primeiro tempo, percebe-se o prazer por aprender a escrever o próprio nome e a imaginar o que seriam as letras impressas nos livros

de narrativas, no entanto, ao aprender a língua do colono que devastou o seu país, logo se desencanta, mas acaba por aprendê-la como algo necessário a sua sobrevivência.

Em seu segundo livro, “Escrever em um país dominado”, o autor narra sobre uma prisão na qual trabalhou e um jovem martinicano que recebia livros trazidos por ele. Com isso, o detento conseguiu relevar aquele ambiente hostil, no qual estava inserido, para se apropriar de suas leituras-escritas.

Quanto à imposição cultural do colonizador, a autora cita o filósofo Jacques Derrida: “Toda cultura é originalmente colonial [...]. Toda cultura se institui pela imposição unilateral de alguma “política” da língua. O domínio, sabemos, começa pelo poder de nomear, impor e legitimar as designações”. (Petit, 2009, p.36)

A partir dessa constatação, percebe-se a necessidade de se conseguir ler desvinculado desse poder imposto pela cultura. Então a leitura precisa se tornar um mecanismo que capacite o jovem a formar suas próprias experiências. Com frequência, certos textos auxiliam o jovem a refletir sobre si mesmo e a procurar uma outra alternativa para sua vida.

Quanto à construção do significado, a autora cita Salman Rushdie que afirma: “o significado é um edifício que construímos com fragmentos, dogmas, feridas de infância, artigos de jornais, observações feitas ao acaso, velhos filmes, pequenas vitórias, pessoas que odiamos, pessoas que amamos”. (Petit, 2009, p.41)

Então, o significado é algo subjetivo e que depende da atenção do jovem para esse ou aquele acontecimento, que de alguma forma chamou sua atenção, escolhe-se pedaços e se compõe o todo. São os acontecimentos na vida do jovem que propiciarão a formação do significado. Decorre daí também a importância das leituras feitas na fase da infância para a formação dos significados do jovem.

O jovem leitor trabalhado por sua leitura quebra os estereótipos, renova a linguagem, caça os clichês, compartilha das emoções que constituem o ser humano que são trabalhadas pelo autor dos textos. Ao se ler, se experimenta as sensações de se pertencer a uma obra, vive-se naquele ambiente, enfim se introduz em um mundo de forma mais íntima, se participa de bens culturais. Assim, se confere



ao leitor, a dignidade, capacidade de se compreender a si próprio e ao mundo que o rodeia por intermédio do diálogo que há entre o leitor e o texto.

Na seção: “Do lado dos leitores”, “Para se entender os jovens leitores”, elaborou-se uma proposta de pesquisa na qual levava-se em consideração o leitor quanto as suas relações consigo mesmo: a necessidade de se reencontrar e além dessa relação pessoal, levava-se em consideração suas relações familiares. E, para se ficar ao lado dos leitores, o pesquisador foi assistir aos filmes que estavam em cartaz, a um programa de televisão sobre um cantor de rap muito conhecido na França, chamado MC Solaar e convidá-lo para entrar na biblioteca, ficar lá o tempo que quisesse, escolhesse com liberdade um livro, um jornal, ver microfilmes, e enfim, tornar-se um “toureiro lexical”, se apropriar da palavra, por meio da leitura e, com a intervenção da imaginação, subvertê-la.

Além desse objetivo, na introdução do projeto de pesquisa, o autor relacionou o de identificar, nos trajetos individuais, os deslocamentos que a leitura e a biblioteca possibilitam ao jovem. Constatou-se a necessidade das bibliotecas na luta contra os processos de exclusão e marginalização. E, nessa relação entre o jovem e a biblioteca, analisar como o jovem se apropria do conteúdo da biblioteca, o que fazem com ele e o que esse conteúdo muda em sua vida.

O jovem se relaciona também com os grupos sociais aos quais pertence. Há ainda, dentro desses grupos, as intersubjetividades e as intervenções particulares, que podem mudar de rumo depois de algum intercâmbio. As bibliotecas podem ser esses locais de trocas, seja por meio da leitura de um livro, seja por meio de uma atividade desenvolvida por um bibliotecário, seja por meio de um usuário da biblioteca, seja por meio de um escritor que lá esteja concedendo uma palestra.

Outro aspecto a ser analisado é a organização do universo simbólico em universo linguístico. Pode-se pensar em qual a contribuição do fato de ler para a formação da cidadania do jovem, em que medida a leitura favorece as relações na sociedade ou ainda a importância da leitura para a elaboração da identidade e para a promoção do exercício da democracia do adolescente.

A autora relaciona as características da pesquisa: metodologia singular, entrevistas gravadas livres, estabelecimento da faixa etária (entre 15 e um pouco mais de trinta anos), escolha das 6 cidades

localizadas em diferentes contextos econômicos, sociais e espaciais, definição de quem seriam os entrevistados.

O segundo encontro, “O que está em jogo na leitura hoje em dia“, por sua vez foi dividido em: “Ter acesso ao saber”, “Apropriar-se da Língua”, “Construir-se a si próprio”, “Um outro lugar, um outro tempo”, “Conjugar as relações de inclusão” e “Círculos de pertencimento mais amplos”.

Na seção: “O que está em jogo na leitura hoje em dia”, a autora afirma que coexistem várias respostas ao questionamento sobre o motivo pelo qual se busca a leitura. Para um dos entrevistados, a leitura é uma forma de se encontrar a criança que existe dentro de cada um, o que se está em jogo é a própria identidade, e nesse jogo o adolescente pode escolher as atitudes que serão tomadas por eles. Para outro entrevistado, nesse jogo que ocorre, há possibilidades de se esquivar-se de um determinado caminho, tornar-se anticonformista, é um modo de se ir em outra direção e possibilita livre arbítrio em relação a si próprio.

Além dessas respostas, um terceiro entrevistado afirmou que ler na biblioteca propicia a participação em projetos de cultivo de hortaliças, cursos de formação profissional, informações sobre a vida cotidiana, sobre como educar os filhos, decoração, trabalhos manuais, jardinagem, desenvolvimento das crianças, medicamentos, gestão das cidades, além de garantir um conhecimento sobre o mundo, que é tão inconstante.

Na seção: “Ter acesso ao saber”, a autora deixa muito claro o fato de que, o saber, conseguido por meio da leitura, é a chave para se alcançar a dignidade e a liberdade para se poder participar do mundo, compreendê-lo melhor e nele encontrar espaço. Além da leitura instrucional requerida pela demanda escolar e por outras necessidades da vida cotidiana, a leitura é um jogo lúdico, prazeroso no qual o jovem leitor é dotado de liberdade para escolher as suas próprias regras.

Na seção: “Apropriar-se da própria língua”, um outro aspecto da leitura aponta para uma contribuição quanto ao aspecto linguístico e sua apropriação. A autora cita alguns entrevistados que falaram sobre esse aspecto: ampliação do vocabulário, apreensão da escrita de uma forma correta, apropriação de um estilo e de um certo prestígio em relação a um outro leitor jovem.

A autora levanta o seguinte questionamento: Ao se praticar a leitura, melhora-se o conhecimento da língua? Entre os jovens entrevistados as afirmações são controversas. Há um estabelecimento de uma diferença entre: “o bom aluno de francês” e “o bom leitor”. Há ainda, alguns entrevistados que afirmam que o domínio da língua não muda com a leitura dos livros, outros que sim, há ainda os que afirmam que ler ajuda na sintaxe, o que não ocorre na ortografia e os entrevistados imigrados defendem a ideia de que por meio da leitura se obtém sucesso escolar.

Um agricultor autodidata que participou das pesquisas afirmou que, por meio das leituras, pôde participar melhor das reuniões do conselho de pais e a leitura muito contribuiu para a ampliação de seu vocabulário. Outros moradores do meio rural liam o dicionário e se orgulhavam por ter filhos que se tornaram professores.

Todas as entrevistas com pessoas do campo ou da cidade convergem para a seguinte constatação de que sem uma certa destreza no uso linguístico não há como se garantir a cidadania e que, por meio da leitura, se capacita para se fazer uso da palavra e formular uma resposta para o que se leu.

Na seção: “Construir-se a si próprio”, um outro aspecto da leitura refere-se à capacidade do jovem leitor de construir-se a si mesmo. Durante a adolescência, um grande problema que pode ocorrer é a perda da identidade, sobretudo devido ao contato com os grupos dentro dos quais eles se relacionam. Então haverá um processo de busca de palavras, frases, trechos de obras que influenciarão os jovens a se construírem.

Nessa construção de si mesmo o ingrediente é o imaginário e, com a leitura, as portas se abrem para ele. Com a leitura, o jovem leitor é capaz de imaginar espaços, personagens, suas ações, suas experiências, enfim, vivenciar inclusive de suas emoções. Assim, essa troca que ocorre entre o leitor e as personagens, sobretudo nos livros de ficção, faz com que o leitor jovem sinta-se próximo delas e se capacite a construir-se a si mesmo.

Na seção: “Um outro lugar, um outro tempo”, por meio das entrevistas, a autora constatou que o livro era mais atraente que as aulas de história e de geografia. Durante a leitura, podia-se transportar para outros espaços, outras narrativas e também para um outro tempo. Esse tempo é construído pelo adolescente de modo particular com uma certa liberdade.

Na seção: “Conjugar as relações de inclusão”, um Outro aspecto da leitura refere-se aos universos culturais aos quais pertencem os jovens imigrantes entrevistados que moravam na França. Assim, é importante que os jovens conheçam, por meio de uma prática cultural chamada leitura, como eram os ambientes de origem nos quais seus pais estavam inseridos para poder compreender seus familiares além de saciar o desejo individual, pois os jovens frequentemente são interrogados sobre a origem de seus familiares.

É preciso que o jovem conheça a cultura de seu país de origem e a cultura daquele no qual vive para que haja uma troca com uma consequente adaptação no meio atual no qual ele está inserido.

Na seção: “Círculos de pertencimento mais amplos”, Por meio das entrevistas, a autora constatou que os jovens imigrantes, que atualmente moravam na França, antes de serem de outros países, se consideravam seres humanos e que a leitura era uma forma de se sentirem pertencentes ao país atual.

O terceiro encontro, “O medo do livro“, por sua vez foi dividido em: “A difícil libertação do espírito de grupo”, “Do lado dos poderes: o poder de que as linhas se movam”, “Trair os seus?”, “O medo da interioridade” e “Como nos tornamos leitores”.

Na seção: “O medo do livro”, a autora afirma que a leitura suscita medos e resistências. Há uma insistência das pessoas em relação ao ato de ler, tendo em vista que o ser humano, na maioria das vezes, sente medo do novo, pois requer adaptações. Normalmente se sente medo de algo que não é muito comum. Assim, nas famílias nas quais não há muito contato com o livro, com certeza, o jovem se assusta diante desse objeto novo: o livro. O que ocorre é que certas leituras podem suscitar conflitos, tendo em vista que contrariam valores, modos de vida, costumes, tradições de um determinado grupo social, seja ele familiar, religioso, político.

Segundo a autora, na seção: “A difícil libertação do espírito de grupo”, O ser humano é um ser social, o que ocorre é que inevitavelmente está relacionado a um grupo. Como ela realizou sua pesquisa entrevistando pessoas que pertenciam ao grupo rural da França, constatou que a leitura realizada de forma individual era uma atividade arriscada. Nesses grupos, praticava-se uma leitura pública e a passagem para uma leitura privada ocorria de forma gradativa.

Essa leitura de modo individualizado possibilitava ver o mundo de modo diferente dos outros integrantes do grupo, constituía uma oportunidade de se ter sua opinião própria, sua liberdade individual e também de ser detentor do poder conferido ao leitor no ato de ler.

Na seção: “Do lado dos poderes: o poder de que as linhas se movam”, a autora refere-se às mulheres e negros por muito tempo foram proibidos de terem acesso aos livros. Obras, dentre as quais a Bíblia, também foram consideradas proibidas. Os representantes governamentais muitas vezes proibiam o acesso às bibliotecas e até mesmo as destruíam. O que esses governantes temiam era o jogo polissêmico que a linguagem poderia assumir, essa força libertadora concedida por ela.

Na seção: “Trair dos seus?”, como a autora coletou dados com jovens leitores imigrantes, esses dados revelaram a existência de espaços geográficos distintos: a terra natal desses jovens e a França, onde esses jovens estavam instalados. Assim, a autora observou duas culturas: a de origem e a atual.

O legado dos pais desses jovens prende-se a uma cultura diferente daquela na qual o jovem estava inserido. Então, trair os seus seria acompanhado por um sentimento de culpa que o jovem teria em relação aos seus familiares. Assim, os jovens estariam impedidos de superar seus pais quanto aos aspectos relacionados à leitura.

Desse modo estabelece-se um medo em relação aos livros que pode ser manifestado de forma visível ou dissimulada. Fica muito claro quando os familiares impõem obstáculos aos seus filhos em relação aos livros e de maneira camuflada quando se insiste muito para que leiam.

No entanto, na maioria das vezes, essa insistência repousa numa visão utilitarista da leitura, ou seja, ler para melhorar a língua francesa e as notas escolares, para obtenção de informações ou, ainda, para se ter acesso ao conhecimento.

Em seguida, a autora apresenta algumas considerações sobre a escola, afirmando que: quanto mais os alunos vão à escola, menos lêem; a passagem do ensino fundamental para o ensino médio desestabiliza a maioria dos estudantes jovens; infelizmente no sistema de ensino francês predomina a decodificação em detrimento da emoção; e a associação feita pelo jovem entre o livro e a escola é carregada de aspectos negativos.

Na seção: “O medo da interioridade”, a autora afirma que, nos depoimentos registrados por meio de entrevistas, os adolescentes pertencentes aos meios populares que gostam de ler são excluídos do grupo. Nas escolas, eles sofrem muita discriminação e são rotulados de maneira pejorativa.

Essa relação entre o jovem e o livro, sobretudo para os rapazes, é muito arriscada. Eles precisam aceitar o fato de que exista neles um vazio preenchido pela voz do outro que se encontra no texto, o que coloca em risco a masculinidade do adolescente. Ao ler um determinado texto, o rapaz se abandona, se deixa guiar pelas palavras e, nos meios populares, onde a leitura não é tão valorizada, poderá ser considerado por seu grupo social como efeminizado.

No entanto, para se sanar esse problema em relação ao medo da interioridade sentido pelo jovem, a biblioteca não tem muito o que fazer. Assim, é necessária uma estruturação mínima do sujeito: sua autonomia para poder frequentar uma biblioteca.

Além disso, é preciso que o jovem perca o medo de não se ter mais o domínio sobre algo, de que sua identidade se desmorone, de que o livro seja algo desencorajador, pelo contrário, é preciso, por meio de mecanismos, atraí-lo para a leitura, mostrar-lhe que ela lhe propicia algo diferente.

Na seção, “Como nos tornamos leitores”, muitos são os fatores que influenciam quanto à formação de um jovem leitor, sobretudo os determinismos sociais advindos das relações familiares, escolares, profissionais.

Profissionais tanto da área homeopática, quanto da área psíquica constata algumas características peculiares em relação à leitura identificadas em algumas pessoas. No entanto, a relação familiar é capaz de determinar com mais veemência a formação dos leitores. Assim, é importante que as crianças vejam os adultos lendo, que ouçam histórias contadas por seus familiares e sintam que eles valorizam a leitura.

A autora enumera outros “iniciadores” aos livros, pessoas que de alguma forma iniciam os jovens no mundo da leitura. Professores, bibliotecários, inspetores, animadores que pertencem a associações comunitárias ou assistentes sociais podem, quando os pais não incentivam seus filhos a ler, contribuir para que o jovem se familiarize com o livro e tome gosto pelo ato de ler.



A última parte do livro, “O papel do mediador”, por sua vez foi dividida em: “Uma relação personalizada”, “Transmitir o amor pela leitura: um desafio para o professor”, “A hospitalidade do bibliotecário”, “Ultrapassar umbrais”, “Pontes para universos culturais mais amplos” e “O mediador não pode dar mais do que tem”.

No encontro: “O papel do mediador”, a autora, fundamentando-se nas entrevistas realizadas por ela, afirma que a leitura é uma experiência singular e toda experiência implica em riscos. É preciso um mediador para que o livro desempenhe um papel-chave. Assim, esse mediador, que pode ser o professor, um bibliotecário, um livreiro, um assistente social, um animador voluntário de alguma associação, um militante sindical ou político, um amigo ou até mesmo um desconhecido, precisa apresentar um perfil definido. Este deve ser o que autoriza, legitima, fortalece, incentiva um desejo de ler, No entanto, a autora aponta para a necessidade de que, posteriormente, outros mediadores possam acompanhar o adolescente em seu percurso de leituras.

Na seção, “Uma relação personalizada”, mediadores como os professores e os bibliotecários muito podem contribuir, tendo em vista que a biblioteca não pode garantir o acesso ao livro sem a intervenção de um mediador que acolha, que ouça as palavras de quem para lá vier e que faça sugestões de livros que possam agradar ao jovem leitor.

Na seção: “Transmitir o amor pela leitura: um desafio para o professor”, além do professor ensinar os jovens a decifrar, analisar e a ler textos com um certo distanciamento, é necessário que os inicie quanto ao prazer de ler.

Nesse quarto encontro, a autora apresenta, por meio das entrevistas, depoimentos os quais apontam para a importância dada à leitura por parte dos professores. Assim, nesse ambiente escolar, os professores não devem impor leituras, sobretudo dos autores clássicos, por outro lado, devem deixar o aluno escolher o livro que quiser.

Na seção: “A hospitalidade do bibliotecário”, contar histórias, ensinar a amar a leitura, confiar aos usuários pequenas tarefas, sugerir livros, ajudar a fazer pesquisas, montar peças de teatro em coordenação com o editor, convidar autores, mostrar-se mais disponível para os usuários, comportar-se como uma espécie de mágico que leva as pessoas aos livros e que as conduz a outros mundos, despertar



o gosto por ler, aprender, imaginar e descobrir representam as várias maneiras de demonstrar a hospitalidade dos bibliotecários.

Na seção: “Ultrapassar umbrais”, a autora estabelece que os umbrais seriam os problemas encontrados pelos usuários da biblioteca. Passar da seção juvenil à dos adultos e sobretudo da seção infantil para a juvenil (o que constitui uma espécie de quebra cabeça para o bibliotecário), às outras formas de utilização, aos outros registros de leitura, às outras estantes, aos outros tipos de leitura (ler as orelhas, as lombadas, os sumários, os prefácios, os posfácios dos livros), às outras bibliotecas, da sala de documentação (que é reservada para fazer tarefas escolares) às atividades de leitura da própria biblioteca. No entanto, o que ocorre é que muitos jovens, quando começam a frequentar a biblioteca, não buscam nada além do que é pedido em sala de aula, não têm curiosidade de fazer outras leituras, o que contribui para encerrar sua vinda à biblioteca.

Para assegurar que os adolescentes não vivam em grupos fechados apenas, os bibliotecários podem contribuir no sentido de facilitar as buscas pessoais. Essas buscas por outros tipos de leitura, que não sejam as escolares, constituem um universo muito amplo. Temas como tabu, sexo, religião, política, autoconhecimento podem ser encontrados nas prateleiras das bibliotecas, nos mostruários, nas vitrines de exposição e também podem ser assunto de grupos de leitura, ateliês de escrita, atividades teatrais e outras atividades desenvolvidas pelo bibliotecário que constituam um verdadeiro convite à leitura.

Na seção: “Pontes para universos culturais mais amplos”, o papel do mediador é o de acompanhar o leitor no momento da escolha do livro, dar-lhe oportunidades de fazer descobertas por meio das sugestões apresentadas pelo mediador, possibilitar a mobilidade nos acervos para essa ou para aquela faixa etária, sem uma preocupação com uma orientação pedagógica. Assim, cabe ao mediador estabelecer uma relação entre os livros e o jovem leitor. Organizar painéis de apresentação dos livros, providenciar novidades, renovar o acervo, acreditar no jovem leitor, recepcioná-lo, estar disponível para sugerir são formas de se estabelecer pontes para universos culturais mais amplos.

A montagem de um jornal que contenha uma seleção anual de romances, redações de artigos sobre romances, formação de júri simulado constituído por jovens leitores para a concessão de um prêmio literário, formação de ateliês de escrita dirigidos por autores famosos, atividades nas quais sejam



envolvidos os pais dos jovens, sobretudo as mulheres são pontes que possibilitam um deslocamento e a transformação do leitor, capacitando-o para que encontre sua fantasia e construa a sua imaginação.

Na seção: “O mediador não pode dar mais do que tem”, a biblioteca só pode dar o que tem e hoje ela se vê limitada pelos processos de segregação presentes em tantos lugares. O que dificulta o trabalho desenvolvido nas bibliotecas diz respeito aos deslocamentos geográficos (bibliotecas dos bairros que se encontram distanciadas das do centro da cidade), à ausência de intercâmbios entre as bibliotecas do bairro e/ou intercâmbios com outros espaços da cidade, à falta do trabalho em parceria proposto num projeto de cada município ou de um projeto reivindicado pela própria sociedade.

É importante que esse mediador estabeleça uma integração, que transmita relatos, conhecimentos, palavras, imagens que ampliam a maneira pela qual o jovem vê o mundo, o que conseqüentemente mudará o seu destino, basta que tenha conquistado por meio das leituras um cabedal intransferível. Assim, quando o bibliotecário entra em contato com o jovem leitor mostrando-se solícito para ajudá-lo quanto às sugestões de leitura, às tarefas escolares, às pesquisas que muito contribuirão para que aprendam a descobrir a sua liberdade.

Encontrando Forrester é um filme que também trata desses “aspectos da leitura”. Lançado em 12 de abril de 2001, dirigido por Gus Van Sant, produzido por Sean Connery, Lawrence Mark e Rhonda Tollefson, contando com: Sean Connery, F. Murray Abraham, Robert Brown em seu elenco, distribuído por Columbia Pictures/Sony Pictures Corporation Entertainment se desenvolve num ambiente no qual fica muito evidente a dificuldade de acesso aos livros enfrentada pelos jovens, sobretudo os negros e pobres.

Jamal Wallace, 16, estudante negro, mora com sua mãe e seu irmão. Enquanto joga percebe que é observado por um morador de um apartamento e acaba descobrindo que o homem que o espionava era William Forrester. Jamal o procura e, após várias tentativas, acaba se encontrando com ele com uma certa periodicidade. Num desses encontros, pergunta ao escritor: “Qual a sensação de escrever um livro como esse que você escreveu?”, e recebe a seguinte resposta: “Você escreve o seu primeiro rascunho com o coração e reescreve com a cabeça”.



Jamal, por jogar basquete muito bem, ganha uma bolsa de estudos e é desafiado pelo professor da nova escola a fazer jus às notas obtidas na escola anterior. No entanto, durante um treinamento de basquete, discute com outro jogador e é advertido pelo treinador. Precisa arremessar a bola na cesta cinquenta vezes sem errar. Ele e seu oponente conseguem fazer o mesmo número de acertos, mas, ainda assim, para seu rival eles não são seres humanos iguais por pertencerem a categorias distintas – um bolsista e o outro não.

Forrester entrega a Jamal um texto: “Uma temporada de perfeição da fé e diz: “Comece a datilografar isso, às vezes o simples ritmo de datilografar nos leva da primeira para a segunda página e quando começar a sentir suas próprias palavras, comece a datilografá-las”. Jamal faz o que lhe é solicitado, mas o escritor lhe impõe uma condição - tudo o que escrever no apartamento deverá ficar por lá.

Finalmente, chega o dia do jogo no qual Jamal vai estreiar como um dos integrantes do time da escola em que é bolsista. Após o jogo, há uma festa na casa de uma amiga dele, durante a conversa sua amiga diz: “Nas avaliações que fazemos sobre os livros lidos, temos que localizar coisas inúteis como quem apresentou Watson a Homes [...] enfim, fazem isso para nos forçar a ler tudo o que impõem”.

Jamal vai ao apartamento de Forrester e conversam sobre a conjunção “e” e “mas” no início de uma sentença e os efeitos causados pelo uso delas. Jamal se inscreve em um concurso de escrita que será realizado na escola, mas é acusado pelo professor de plagiar Forrester Willian. O professor não admite que seu aluno possa ser um bom jogador de basquete e também um bom escritor.

Forrester afirma sobre a crítica literária: “Você sabe quando é o momento absoluto, quando você termina o primeiro rascunho e lê sozinho, antes que esses imbecis peguem algo que não conseguiram fazer numa vida toda e destruam num único dia”. “E quando os críticos começaram com essa besteira de que eu realmente estava querendo dizer, decidi então, que um livro era o bastante”.

Jamal e Forrester vão a um estádio. Jamal vai pegar uma programação e Forrester se perde dele. Forrester se sente mal e acaba se protegendo embaixo de uma escada. Jamal continua procurando por ele, o encontra e o retira do estádio.



EDIÇÃO Nº 15

JANEIRO DE 2015

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2014

ARTIGO APROVADO ATÉ 30/12/2014

É aniversário de Forrester, então Jamal o leva a um estádio de baseball. Forrester fala sobre a existência de seu irmão e diz que seu irmão e ele já tinham vindo a todas as partidas até o dia em que seu irmão partiu para a guerra. Ao voltar de lá, seu irmão falava um pouco menos e bebia um pouco mais, mas Forrester havia prometido a sua mãe que o ajudaria a superar tudo isso. Numa noite fatídica, houve um acidente que envolveu o veículo em que estavam, Forrester sobreviveu, mas seu irmão acabou falecendo. Para Forrester, tudo mudou depois daquele dia. Então Jamal repete um trecho do livro de Forrester: “O descanso daqueles que já partiram antes de nós não pode aquietar o desassossego daqueles que seguirão”.

Finalmente Jamal é chamado para se explicar em relação ao plágio e precisa escrever uma carta de desculpas endereçada a todos os alunos da classe. No escritório do professor, é que Jamal deveria escrever o seu próximo texto. No entanto, não consegue fazê-lo. Forrester explica a Jamal: “Você sabe do que as pessoas têm mais medo? Do que não entendem. E diz que seu professor não entende como um menino negro da periferia pôde escrever como você o fez. Então, seu professor supôs que você não pôde”.

Tudo acaba ruim: Jamal participa de um jogo de basquetebol, no entanto perde; precisa se retratar na escola perante seus amigos. A última esperança é a de que William Forrester apareça e ajude o amigo a se livrar de tantos problemas. Assim acontece, Forrester explica na escola de Jamal que houve concessão, que ele, o próprio autor autorizou a escritura do livro: “Uma temporada de perfeição da fé”. E a película termina quando Jamal recebe a informação sobre o falecimento de William Forrester.

A educação pela leitura também se concretiza no segundo filme: Balzac e a costureirinha chinesa. Esse filme se passa durante a ditadura de Mao Tsé Tung, durante a década de 70. Essa época foi marcada devido ao fato de que muitos estudiosos foram destinados aos campos de reeducação, com o objetivo de que se convertessem aos ideais socialistas.

A narrativa, baseada no romance de Daí Sijie, envolve, sobremaneira, três jovens, entre os quais estão Luo e Ma, considerados burgueses reacionários, são enviados para uma vila no Tibet, mais especificamente nas montanhas de Fênix, onde trabalham em uma mina de extração de cobre por volta de 1971.



Os que liam eram vistos como reacionários e o chefe da mina vê a leitura como algo corruptível, então queima o livro de culinária que encontrou na bagagem dos dois rapazes e o violino quase iria ter o mesmo destino.

Luo e Mao acabam conhecendo a Costureirinha, que era assim chamada por ser filha do alfaiate. Ela, de certa forma, é uma figura representativa dos moradores daquela vila. Primitiva, rudimentar, ágrafa e analfabeta muito contribuiu para ingressar os dois jovens quanto à familiarização no modo de vida daquele local. Embora, aparentasse todo esse primitivismo, desejava conhecer outros lugares. Então, Luo se oferece para ensiná-la a ler, situação a que, num primeiro momento, ela se nega.

Em uma outra cena, aparece o Comitê Revolucionário da Montanha Fênix, local em que os jovens se reúnem para firmar suas aptidões para se estabelecer naquele ambiente e se demonstrarem reeducados. Lá os dois jovens conhecem Quatro Olhos.

O chefe da mina determina que os dois rapazes assistam a um filme norte-coreano para que depois possam contá-lo às demais pessoas da cidade. Ao voltarem, contam-no dramatizando-o e as pessoas se sensibilizam ao ver a apresentação. A Costureirinha pede aos rapazes que lhe contem uma história, um filme estrangeiro, mas é advertida por eles, tendo em vista que filmes de países capitalistas, tais como a França, o Canadá e a Espanha eram censurados, somente os de países socialistas, como a Coreia, a URSS e a Albânia eram permitidos.

Ela informa-lhes sobre a existência de livros ocidentais proibidos pelo governo de Mao Tsé Tung de posse de Quatro Olhos, um jovem reeducado que está prestes a retornar à cidade. São autores como Flaubert, Tolstói, Victor Hugo e, sobretudo, Balzac que tanto a encantam. Zhou Xun, a Costureirinha, sugere-lhes que roubem os livros dele. Então, trama uma maneira de entretê-lo, durante uma festa, o que facilita a ação dos dois amigos.

Luo, Chen Kun, e Ma ,Liu Ye, pretendem com a leitura desses livros transformar e curar a Costureirinha de sua ignorância. Ela acha lindo o vestido da gravura do livro e quer saber o que estava escrito ali. E ao perguntar sobre isso, a sua resposta é a seguinte: “Combinar beleza com inteligência é muito raro”, afirma Luo que essa é uma explicação de Honoré de Balzac, em seu livro “A prima Bette”.

Os dois jovens começam a ler apenas alguns trechos para despertar o interesse pela leitura dos livros. Leem o título: “O Vermelho e o Negro”, lêem outro: “Almas Mortas” e a Costureirinha questiona sobre um terceiro livro que se refere à obra de Dostoiévski: “Crime e Castigo”. Assim, para garantir a segurança dos livros, ela os leva para uma caverna denominada por eles de “A Gruta dos livros” e os guarda lá.

Começam a leitura por um livro de Balzac e lêem a noite inteira. Em seguida, um dos rapazes se propõe a ler “Ursula Mirouët” e logo após a leitura trata da transformação que ocorre no mundo das pessoas: “Sinto que o mundo mudou, o céu, as estrelas, os sons e a luz e até mesmo o cheiro dos porcos”.

Luo contrai malária e fica impedido de contar o filme na aldeia. Ele e a Costureirinha se abraçam. Ao se reestabelecer, ele elabora um método para contar filmes, que na realidade são os livros lidos por ele: escolhe um lugar adequado para que todos possam se sentar ao ouvi-lo contar sobre o “filme”, seleciona, dramatiza, conta as cenas mais “fortes” para despertar o interesse pela audição, convida as pessoas a repetirem juntas – o nome da protagonista, do “diretor do filme” e questiona sobre a localização do país onde foi produzido o “filme”.

A complicação ocorre quando a Costureirinha começa a repetir o que ouve nos livros para a preocupação de seu avô, que é um alfaiate. Ela cita um trecho de Balzac: “O homem selvagem só tem sentimentos, enquanto o homem civilizado tem sentimentos e ideias”. O avô da Costureirinha encontrou Luo lendo “O Pai Goriot” (de Honoré de Balzac) para ela e queimou o livro. Ele teme por sua neta, uma vez que, para ele, um livro pode afetar uma vida inteira. Então, pede para que Luo pare de ler livros para ela, argumentando que os romances não dizem a verdade, que é preciso aprender coisas úteis pelo fato de morarem naquele lugar, o que ela deveria aprender era o ofício de costurar assim como ele.

Então Luo organiza um outro método de leitura, agora destinado ao avô da Costureirinha. O alfaiate deve costurar muitas peças para as moças da aldeia, durante a noite narra para ele as aventuras do “Conde De Monte Cristo” e, durante o dia, influenciado por Dumas, criava e costurava as mais diferentes roupas: pequenos detalhes franceses, corpetes bordados com flor de lis, perfumes, madeira preciosa, beleza, palácios.



Luo e o alfaiate são surpreendidos pelo chefe da aldeia que, inicialmente o ameaça denunciá-los à Secretaria de Segurança Pública, por contar histórias reacionárias sobre nobres que vivem como imperadores, mas reduz sua pena, desde que cure o seu dente. E assim o faz, tornando-se o dentista local.

Mao copia trechos de romances em seu casaco de pele de carneiro e Luo se despede dele e da Costureirinha. Parte e confia a seu amigo Mao a leitura de livros para ela. Em sua ausência, Mao conta-lhe “Madame Bovary”, de Flaubert. Aos poucos vai se afeiçoando, ainda mais por ela, e ela prefere sempre as leituras de Balzac, adotando-o como o seu favorito. Mao explica-lhe sobre o tradutor, que, segundo ele, também é um bom escritor.

Enquanto lava a roupa, alguns rapazes de aproximam de Mao e o chamam de lavadeira, encontram um livro em seu cesto e o destroem. Para aquele grupo de rapazes quem tem o hábito de ler é considerado efeminizado.

A Costureirinha encontra forças e acaba confessando para Mao que está grávida de Luo, mas que precisa esconder essa gravidez pelo fato de que a lei proíbe com rigor quem se casar antes dos 25 anos, além da ilegalidade do aborto naquele país. Então, Mao vai ao ginecologista e pede favores ao médico em troca de dar-lhe um romance em francês. Ele, às escondidas, realiza o aborto dela. Mao vende seu violino para o doutor, com parte do dinheiro compra uma gaita da marca Heroes feita em Xangai e dá a outra parte para ela.

Luo torna-se um violonista e, inicialmente, apresenta-se em Lyon e Toulouse, ambas as cidades localizadas na França e Mao torna-se um dentista. Eles se reencontram e veem juntos um filme gravado sobre o vilarejo onde foram reeducados e se lembram da “Gruta dos livros”, da “Casa do Alfaiate”, do “Chefe”, dos “Moradores do local”. E a Costureirinha? Foi embora de lá, levando consigo tantas frases importantes de Honoré de Balzac, entre as quais: “A beleza de uma mulher é um tesouro sem preço”. Desse modo, por meio de seus aprendizados, descobre que a mulher detém sua beleza própria e tem medo de se tornar propriedade de alguém, com a consequente perda de sua beleza.

Revisitando as obras para um cotejamento dos “aspectos da leitura”.



Essas duas narrativas midiáticas do cinema nos permitem cotejar os seguintes aspectos da leitura: o medo do livro o que está em jogo na leitura hoje em dia e o papel do mediador.

Quanto ao medo do livro, fica muito claro temer o fato de que as linhas do poder se movam retratado por meio do poder exercido pelo professor na escola em que Jamal estudava, que não gostava da participação dos alunos, por outro lado, satisfazia-se em ouvir a si próprio e na aldeia onde Luo e Mao foram vítimas da reeducação imposta na China por Mao Tse Tung.

Em relação ao medo da interioridade, Jamal e, sobretudo, Mao mantiveram-se assexuados nas obras midiáticas: Jamal não se aproximou de Clair Spence, sua amiga de escola e Mao apenas era apaixonado pela Costureirinha de forma platônica. Inclusive, houve um episódio em que Mao fora considerado efemilizado por um grupo de rapazes, sobretudo pelo fato de estar carregando um livro entre seus pertences.

Quanto ao que está em jogo na leitura hoje em dia, foi por meio da leitura dos textos escritos por Forrester que Jamal melhorou suas notas na escola atual, na qual se destacou em relação aos outros alunos e essa apropriação da própria língua ocorreu quando a Costureirinha começou a repetir o que havia ouvido nos livros. Então, ao praticar a leitura melhora-se o conhecimento da língua? Para Jamal e a Costureirinha a resposta é afirmativa

E quanto ao aspecto da construção de si próprio? Nas duas narrativas midiáticas o que se observou é que as personagens principais – Jamal, Forrester, Luo e Mao e a Costureirinha – percorreram uma trajetória de construção muito intensa. Jamal pertencia a um grupo social familiar e escolar (colégio no Bronx) diferenciado do qual, ao longo da trajetória passará a pertencer – a um grupo de elite da escola de Manhattan e ao do time de basquete dessa escola. O que fez com que Jamal fosse se adaptando aos poucos. Passou ainda para o convívio com um mediador, que aqui consideraremos como um “iniciador da leitura”, Forrester. Jamal vai ao apartamento de Forrester e assiste aos vários programas de TV, lá ele também lê livros, datilografa, escreve, enfim tem muito contato com a leitura. Forrester se modifica quando deixa seu tempo solitário, período que ocorreu logo após a morte de seu irmão, para tornar-se amigo de Jamal.

A Costureirinha, por sua vez, depois dela e de seus amigos Lue e Mao se apropriarem da mala de livros de Quatro Olhos se encanta sobretudo pela obra de Balzac, por sua força de reflexão. Ela, considerada primitiva, não civilizada pelos dois rapazes, também contribuiu para a transformação desses dois jovens. Assim, há um intercâmbio de informação cultural muito grande, o que faz com que os dois rapazes se transformem, estabelecendo um diálogo entre o que se considera primitivo e o civilizado.

Além da construção de um outro lugar e de um outro tempo e do estabelecimento das relações de inclusão, a abrangência dos círculos de pertencimento foram constatados ao longo do enredo e comprovados no desfecho, em que três jovens chineses driblam censuras e proibições impostas pelo governo maoísta. E, ainda, em que um jovem negro e pobre chamado Jamal faz muitos arremessos na cesta literária, o que amplia seus círculos de pertencimento.

Quanto ao papel do mediador, William Forrester ensina Jamal por meio do estímulo, da satisfação. Ele representa o papel do “iniciador da leitura”, o estimula a aperfeiçoar a escrita, o desenvolvimento intelectual e por meio da leitura é possível que Jamal se construa a si próprio contra toda forma de preconceito, uma vez que está inserido em uma sociedade que se comporta de maneira racista e discriminatória.

Lue e Mao tinham um objetivo a ser cumprido de acordo com o provérbio: “Um coração sincero faz uma flor nascer da pedra”. Assim, a Costureirinha é uma figura representativa de toda a comunidade daquela aldeia – inculta, mas bela – e, a partir das narrativas feitas por Luo e Mao, das reconstruções dos textos cinematográficos apresentadas para os moradores daquele local que, por sua vez, também se construíam a si próprios e se emocionavam com as histórias por eles ouvidas, contribuindo para a formação de seu imaginário e despertando-lhes o gosto pelo literário.

Considerações finais

Por meio dessa análise dos “aspectos” da leitura elencados no livro “Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva”, de Michéle Petit (2009) relacionados aos mecanismos midiáticos dos dois filmes:



EDIÇÃO Nº 15
JANEIRO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/12/2014

“Encontrando Forrester” e “Balzac e a Costureirinha Chinesa”, constatamos que o ingresso no mundo da leitura apresenta-se como um processo. Embora as pressões sociais tentem impedir que esse processo ocorra, basta pensar por exemplo na dinamicidade de informações que há no mundo atual e da obrigatoriedade de se manter ciente dos fatos que acontecem. Situações de isolamento, que são requisitos para uma leitura, cada vez são mais raras.

O medo do livro, a dificuldade para se apropriar da língua, a traição do grupo ao qual se pertence, a construção de si próprio, de sua identidade, de um outro lugar e de um outro tempo, a ampliação dos círculos de pertencimentos, a imposição dos poderes sociais, o medo da interioridade, a ausência e/ou a inadequação do mediador, seja ele um professor, um bibliotecário, uma assistente social, enfim, alguém que possa transmitir o amor pela leitura, constituem aspectos imprescindíveis para a aproximação do jovem à leitura.

Referências Bibliográficas

Balzac e a costureirinha chinesa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cz6w5tXI1p0>>

Acesso em 25.01.2015.

Encontrando Forrester. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JSxYxFgXMkU>> Acesso

em 25.01.2015.

PETIT, Michéle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2009.